

CAPÍTULO III

Os aspectos bélicos da expansão

O interesse e a significação dos acontecimentos violentos e em escala colossal que resultaram, directa ou indirectamente, dos factores atrás expostos, residem não apenas nos pavorosos saques, destruições, sofrimentos e morticínios mas também nas profundas alterações políticas, económicas e demográficas que deles vieram a resultar.

Já referimos que o processo de expansão territorial agressiva e de interna edificação estadual de três pequenas tribos: os Ngwne, os Ndwandwe e os Mthethwa, respectivamente, sob o comando de Sobhuza, Zwibe e Dingiswayo. Pelas graves e profundas repercussões históricas que lhe sobrevieram, parece conveniente referir, com algum pormenor, as circunstâncias em que Dingiswayo alcançou a chefia dos Mthethwa.

Entre 1785 e 1795, na sequência de uma disputa com o chefe Jobe, seu pai, Gondongwane abandonou a tribo e partiu para longas terras, tendo, durante alguns anos de vida errante, tomado contacto com as actividades comerciais centralizadas na Baía do Espírito Santo e, segundo Bryant, com o sistema militar dos europeus. No término destas deambulações servia de guia a um branco, armado e montado a cavalo, que procurava atingir L. Marques. Durante a travessia do território dos Quabe, esse viajante foi assaltado e abatido sob a suspeição de se tratar de um monstro marinho capaz de trazer infindas calamidades. Gondongwane apoderou-se do cavalo e da arma de fogo e decidiu regressar à sua tribo.

Encorajado pelo prestígio que ganhou graças às suas viagens e à posse destes dois instrumentos inéditos, conseguiu apoderar-se do poder, depois de assassinar seu irmão, já chefe dos Mthethwa. Assumiu então o nome de Dingiswayo. Depois de reorganizar o seu exército, adoptando o sistema de regimentos, iniciou a conquista das tribos circunvizinhas.

Sabe-se que um dos seus primeiros actos foi decretar, sob pena de morte, o monopólio pessoal de todo o comércio com o exterior. Cedo enviou a L. Marques uma caravana de cem carregadores com marfim e gado.

Sob sua protecção, um *induna* favorito, Chaka, apoderou-se da chefia da tribo Zulu em 1816. Se bem que fosse filho legítimo do chefe Senzangakhona, sua mãe Nandi tinha sido repudiada devido ao temperamento truculento e conflituoso que a caracterizava. Chaka, esquecido pelo pai, sofreu os humilhantes motejos dos seus companheiros. É fora de dúvida que desenvolveu uma fixação obsessiva a sua mãe, fixação que marcou profundamente a sua personalidade e pode explicar parte das suas reacções de psicopata.

Actuando independentemente do seu protector, introduziu profundas reformas no armamento, no sistema regimental e nas tácticas de combate, depois do que se lançou também ao assalto de tribos vizinhas. Muito embora tivesse ganho enorme prestígio por meio destas conquistas por conta própria, nunca deixou de reconhecer a soberania de Dingiswayo, que sempre considerou como amigo e aliado.

Entretanto, os sucessos de Dingiswayo começaram a inquietar Zwide, o chefe dos Ndwandwe, também lançado num processo de conquistas territoriais. Em 1817 ou 1818 o último conseguiu aprisionar e executar o primeiro, forçando os regimentos mthethwas a bater em retirada. O vencedor teve, depois da vitória, um gesto simbólico que revela, de maneira flagrante, a importância que os monarcas vangunes concediam às suas mães: Zwide foi, com o crânio do vencido, decorar a casa materna.

Chaka logo se aproveitou do vazio deixado pela morte de Dingiswayo, a qual, de resto, pretendia vingar. Graças ao seu exército intacto pode apoderar-se, sem dificuldade, de todo o território controlado pelo seu protector.

Os temores de Zwide redobraram com esta nova vitória de Chaka. Por duas vezes o atacou. O chefe zulu, recorrendo por vezes a tácticas de guerrilha e de «terra queimada», conseguiu finalmente infringir uma derrota esmagadora ao exército ndwandwe em 1818 ou 1819, nas margens do rio Mhlatuse.

Foi esta importante batalha que deu origem à partida para o norte de três dos chefes ndwandwes com as suas famílias, seus gados e pelo menos parte dos seus regimentos: Sochangana e N'qaba, parentes agnáticos de Zwide, e, enfim, Zwanguendaba, seu parente por afinidade.

Zwide, com o resto dos Ndwandwe, emigrou para a região do Alto Inkōmati.

Contrariamente ao que muitos supõem, Mzilikazi, o outro chefe angune que em 1820 partiu igualmente para o norte, era vassalo e não inimigo de Chaka. A sua separação e a do clã Kumalo, foi causada por uma disputa com o soberano derivada da repartição do gado confiscado.

Chaka, sempre vencedor, conquistou ou submeteu a totalidade das tribos até ao rio Tugela. Também saqueou o território Pondo, nos limites setentrionais.

Continuou a monopolizar e a desenvolver o comércio com a Baía de L. Marques. Afirma-se que chegou a manter todo o seu exército mobilizado na caça ao elefante. Pertencia-lhe, sem dúvida, a grande caravana de mil homens transportando entre 300 e 400 pontas de elefante e grande quantidade de gado, citada em 1823 pelo comandante Owen.

Entretanto a velha inimizade entre Chaka e Zwide continuava acesa. O segundo, algo recomposto da derrota sofrida e da emigração de grande parte dos seus súbditos, tentou assassinar o primeiro em 1824. O atentado teve lugar durante as danças e exhibições guerreiras organizadas em honra de dois comerciantes ingleses, Farewell e Fynn, autorizados por Chaka a montar um entreposto comercial em Porto Natal, onde actualmente se situa a grande cidade de Durban. A visão do soberano, seriamente ferido, lançou todos os presentes num indescritível estado de histeria colectiva que, segundo o testemunho de Fynn, resultou em milhares de vítimas.

Um exército foi enviado contra Zwide mas não conseguiu abatê-lo. Contudo, no ano seguinte faleceu o monarca ndwandwe, sucedendo-lhe seu filho Sikunyana. Despeitado com a escolha, um irmão do novo *inkosi*, de nome Somapunga, refugiou-se junto de Chaka e informou-o das intenções agressivas do sucessor de seu pai.

Convocando Fynn e Farewell para o apoiarem com o fogo das suas armas, Chaka avançou contra os inimigos. Na grande batalha que teve lugar perto da actual vila de Utrecht, o exército de 40 000 ndwandwes sofreu terrível derrota e massacre. A nação que Zwide tentou formar desapareceu como entidade independente. Os sobreviventes partiram para se acolherem à protecção de Sochangana e Mzilikazi, deixando 60 000 cabeças de gado bovino em poder de Chaka.

Foi em 1827 que sobreveio o acontecimento que lançou Chaka no incrível desequilíbrio emocional que lhe foi fatal: a morte de sua mãe Nandi. Só a psicanálise poderia traçar o esquema da personalidade invulgar e psicopata de Chaka, traída por evidentes sintomas: a sua fixação profunda e exclusiva à mãe, a sua recusa malsã em casar-se

e deixar descendência que o levava a mandar matar todas as concubinas que engravidassem, as suas cóleras insensatas e sangrentas em que demonstrava total desprezo pela vida humana, o seu sadismo cego e assassino contra os pares que se amavam e as próprias crianças que riam e brincavam. Por os considerar inúteis e incómodos mandou executar grande número de velhos e inválidos; para comemorar estas matanças deu a uma das cidadelas militares o nome de *Gibikhegu*, «acabem com os velhos» ⁽¹²⁴⁾.

Fynn, testemunha ocular dos acontecimentos que se seguiram à morte de Nandi, narra que todos os que cercavam Chaka, na ânsia de compartilharem a profunda dor do monarca, mergulharam num furioso paroxismo de autodestruição que provocou a morte de sete mil pessoas. Esta espantosa histeria colectiva transmitiu-se por todo o reino, causando outros milhares de vítimas cujas reacções foram consideradas ultrajantemente frias perante a catástrofe (*). Sansão Mutemba ⁽¹¹⁶⁾ recolheu no Sul de Moçambique a tradição de que o monarca mandou enterrar vivas, junto com o corpo de sua mãe, doze virgens de grande beleza.

Depois, convocada uma assembleia geral, Chaka recorreu mais uma vez ao processo hábil de levar um *induna* a propor aquilo que pretendia: transformar o luto num imenso sacrifício nacional. O cultivo dos campos, o consumo do leite e as próprias relações sexuais foram proibidas durante um ano. Seria condenado à morte, com seu marido, toda a mulher que durante esse período engravidasse.

Contudo, após os três primeiros meses desse calamitoso luto nacional, os chefes, levando-lhe como oferenda uma grande manada de gado, rogaram a Chaka que levantasse os interditos impostos. O monarca acedeu quanto aos dois primeiros mas manteve o terceiro.

Para comemorar o fim do período de luto, decidiu então lançar uma grande campanha militar contra os angunes meridionais, entre o Natal e a colónia britânica do Cabo. Conseguiu, efectivamente, bater os Pundos e apoderar-se de quase todo o seu gado. Mas, evitando entrar directamente em conflito com os europeus, regressou à sua capital.

Sempre obcecado com a ideia duma grande campanha militar comemorativa, decidiu enviar o grosso do exército contra Sochangana, então instalado no vale do Limpopo. Só após a partida compreendeu que

(*) É curioso notar que, no vale do Zambeze, entre os «senhores dos prazos», sobreviveu até ao séc. XIX, um costume semelhante, chamado *choriro*. Quando algum deles falecia, os respectivos escravos, os famosos *chicundas*, lançavam-se numa indescritível orgia de violências, saques e assassinatos «para que todos chorassem pela morte do senhor» ⁽¹²⁰⁾.

ficara quase desprotegido e à mercê dos seus inimigos. Convocou apressadamente os adolescentes pastores e escudeiros para constituir com eles um novo regimento, os «Abelhas», *izinyosi*.

Mas actuou demasiadamente tarde. Seus dois irmãos Dingane e Mhlangane, sentindo a saturação popular contra tirania tão sanguinária e caprichos tão atrabiliários, assassinaram-no durante a recepção de uma embaixada de Sothos. Tinham como aliado Mbhopa, um dos principais *indunas*.

Devastado pela fome e pela malária o exército enviado contra Sochangana não conseguiu obter qualquer vitória decisiva nem capturar gado. Os guerreiros, que regressavam sob o temor das terríveis represálias de Chaka, acolheram com alívio a notícia da sua morte.

Dingane, que igualmente se notabilizou pelas crueldades que cometeu, depressa tratou de eliminar os seus aliados na conjura. Faltava-lhe a profundidade de visão, a capacidade de organização e a genialidade militar de Chaka.

Grande apreciador de danças, coros e exhibições guerreiras, procurou, de início, diminuir o rigor do sistema militar. Mas as medidas tomadas, cedo fizeram vir à superfície as tendências centrífugas do sistema segmentário tradicional, provocando a secessão dos Qwabe. No intuito de evitar a desintegração do reino nos seus componentes tribais decidiu restaurar o sistema regimental e ocupar a juventude em guerras longínquas: expedição contra Mzilikazi, incursões contra os Swazis e Xhosas, ataque a Lourenço Marques em 1833⁽⁹³⁾, durante o qual foi executado o governador (que aparentemente considerava como súbdito) porque não lhe cedeu certas mercadorias e tentou submeter as tribos rongas. Em 1834 o limite setentrional dos territórios que reconheciam a sua suserania atingia o rio Incomáti, datando provavelmente deste período a adopção pelos Rongas do sistema militar e de outras particularidades da cultura angune.

Dingane foi também responsável pelo massacre do grupo de Boers comandado por Piet Retief que em 1837 o visitou e lhe pediu autorização para se estabelecer dentro do seu reino. Os regimentos enviados com a missão de exterminar o resto dos Boers, vieram, no entanto, a sofrer a esmagadora derrota de Blood River.

De harmonia com o acordo de paz transferiu então a sua capital para o norte, junto do rio Ivuma, donde tentou atacar os Swazis. Foi, no entanto, batido por Sobhuza. Seu próprio irmão Mpande não só se recusou a participar naquele ataque como se aliou aos Boers para em Janeiro ou Fevereiro de 1840 o vencer na batalha de Magongo. Dingane refugiou-se

numa floresta do reino Swazi mas aí encontrou a morte às mãos de um destacamento de guerreiros inimigos.

Se bem que dotado de medíocre prestígio e capacidade, Mpande conseguiu manter um longo período de paz que restaurou as forças dos Vangunes. Todavia, quando atingiu idade avançada perdeu o controlo dos negócios do Estado. Seus dois filhos Cetshwayo e Mbulazi degladiaram-se pela posse do trono. A luta atingiu o seu ponto culminante em 1856 quando este último, depois de haver solicitado sem sucesso o apoio militar do Governo do Natal, foi derrotado e morto na batalha do rio Thukela.

Se bem que conservando o pai como *inkosi*, Cetshwayo exercia efectivamente o poder. Por exemplo, em 1860 sabendo que Mpande mostrava preferência especial por uma das rainhas e respectivos filhos, mandou um regimento massacrar esses inocentes favoritos. Um deles foi morto na própria capital real.

O único acontecimento militar deste período foi uma expedição contra os Swazis, destinada a dar o baptismo de guerra ao seu próprio regimento.

Falecido Mpande em 1872 Cetshwayo tomou oficialmente o título de *inkosi*. Estava destinado a ser o último soberano independente dos Vangunes. Depois de completamente remodelado, o exército atingiu provavelmente a sua maior perfeição desde os tempos de Dingiswayo. Se bem que desejoso de evitar qualquer conflito com os europeus, viu-se arrastado pelo turbilhão dos interesses Boers e Ingleses.

Quando se recusou a aceitar o ultimatum exigindo a abolição da sua organização militar, Cetshwayo viu o seu território invadido pelas tropas britânicas. Em Janeiro de 1879, na famosa batalha de Isandhlwana, 1500 soldados estrangeiros, dispondo de armamento moderno, foram completamente aniquilados pelo exército angule. Foi durante este recontro que perdeu a vida o Príncipe Luís Napoleão, filho da Imperatriz Eugénia de Montijo.

Porém, logo em Julho do mesmo ano, novo corpo expedicionário britânico destróçou por completo, em Ulundi, os guerreiros de Cetshwayo, disciplinados mas sem protecção eficaz contra a infernal metralha de todos os calibres que sobre eles se despejou. O monarca foi feito prisioneiro.

O vácuo político deixado pelo exílio de Cetshwayo conduziu a graves disputas internas. Numa tentativa para restaurar a ordem, os britânicos libertaram-no em 1883. Mas o *inkosi* foi impotente. Batido pelo seu rival Uzibeba, teve que refugiar-se numa floresta sagrada onde foi socorrido pelos britânicos. Faleceu no exílio em 1884.

Seu filho Dinizulu continuou a luta contra Uzibeba. Conseguiu vencê-lo graças ao auxílio dos Boers, a quem tinha prometido terras. Mas as exigências exorbitantes por estes formuladas, levaram o pretendente ao trono a solicitar a intervenção do Governo de Sua Majestade que, efectivamente, colocou sob sua protecção, todo o território da Zululândia. Mas Dinizulu, desconfiando das autoridades britânicas, prosseguiu a guerra contra Uzibebu até ser deportado para a Ilha de Santa Helena, de 1889 a 1898. Em 1906 organizou a última revolta zulu que, fracassada, levou à sua expulsão para o Transval onde veio a falecer em 1913.